

Oratória de Natal J. S. Bach

Coro e Orquestra
Gulbenkian
Michel Corboz



13 — 16 dez 2019



Oratória de Natal

Cantatas I, III e VI

13 DEZEMBRO
SEXTA

20:00 — *Grande Auditório*

15 DEZEMBRO
DOMINGO

18:00 — *Grande Auditório*

Coro Gulbenkian

Orquestra Gulbenkian

Michel Corboz Maestro

Ana Quintans Soprano

Marianne Beate Kielland Meio-Soprano

Benedikt Kristjánsson Tenor

Philippe Sly Baixo-Barítono

Francisco Lima Santos Violino

Ana Filipa Lima Flauta

Pedro Ribeiro / Alice Caplow-Sparks Oboés e Oboés de amor

Adrián Martínez / Carlos Leite / David Burt Trompetes

BAIXO CONTÍNUO

Marco Pereira Violoncelo

Marine Triolet Contrabaixo

Vera Dias Fagote

Marcelo Giannini Órgão

Jorge Matta Maestro do Coro Gulbenkian

Johann Sebastian Bach

Oratória de Natal BWV 248

CANTATA I

Para o Primeiro Dia do Natal

CANTATA III

Para o Terceiro Dia do Natal

CANTATA VI

Para a Festa da Epifania

IMAGEM DE CAPA: MICHEL CORBOZ © HUGO GLENDINNING

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA
CASA
Mercado de Lisboa. Por boas causas.

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA

BPI

Duração total prevista: c. 1h 30 min.
Concerto sem intervalo

112
H 112 I

Oratorium
Tempore Nativitatis Christi
Feria I.

Lauchzet, frolocket, auf, preiset,

4 Voci.

3 Trombe

Tambur.

2 Travers.

2 Hautb.

2 Violini

Viola

Continuo

di
Joh. Sebast. Bach.

Part I

Componiert anno 1734
im 50ten Jaehrod des Vind.

Oratória de Natal

Cantatas II, IV e V

14 DEZEMBRO
SÁBADO

19:00 — Grande Auditório

16 DEZEMBRO
SEGUNDA

20:00 — Grande Auditório

Coro Gulbenkian
Orquestra Gulbenkian

Michel Corboz Maestro

Ana Quintans Soprano

Marianne Beate Kielland Meio-Soprano

Benedikt Kristjánsson Tenor

Philippe Sly Baixo-Barítono

Priscille Reynaud Violino

Ana Filipa Lima Flauta

Pedro Ribeiro / Alice Caplow-Sparks Oboés e Oboés de amor

Paulo Guerreiro / Kenneth Best Trompas

BAIXO CONTÍNUO

Varoujan Bartikian Violoncelo

Domingos Ribeiro Contrabaixo

Vera Dias Fagote

Marcelo Giannini Órgão

Jorge Matta Maestro do Coro Gulbenkian

Johann Sebastian Bach

Oratória de Natal BWV 248

CANTATA II
Para o Segundo Dia do Natal

CANTATA IV
Para a Festa da Circuncisão de Cristo

CANTATA V
Para o Primeiro Domingo do Ano Novo

Duração total prevista: c. 1h 30 min.
Concerto sem intervalo

Johann Sebastian Bach

Eisenach, 21 de março de 1685
Leipzig, 28 de julho de 1750

Oratória de Natal BWV 248

COMPOSIÇÃO: 1734

ESTREIA: Leipzig, 1734-35

Constituída por um ciclo de seis cantatas que formam um amplo arco narrativo em torno da história da natividade de Jesus Cristo, a *Oratória de Natal* BWV 248 inclui alguma da mais exaltante e luminosa música de J. S. Bach. Tanto nos corais mais estritos e intimistas, de escrita homofônica, como nos coros mais exuberantes e contrapontísticos, ou ainda nos eloquentes recitativos e na tocante beleza das árias, onde a voz estabelece inspirados diálogos com as linhas instrumentais, encontramos passo a passo a mestria criativa do compositor aliada a uma sólida experiência no domínio do repertório vocal religioso.

Quando escreveu a *Oratória de Natal*, Bach havia já concluído a parte mais significativa da sua produção musical sacra, incluindo a quase totalidade das rubricas que compõem a Missa em Si menor BWV 232, o *Magnificat* BWV 243 e as *Paixões*, bem como os cinco ciclos anuais de cantatas compostas para a Igreja de São Tomé. Constitui assim uma obra de maturidade, na qual, à semelhança de outras composições, Bach recorre a material musical de peças anteriores, recriando-o de forma engenhosa, sem que esse procedimento ponha em causa a coerência global.

Ao contrário da maior parte das oratórias do período Barroco, especialmente da tradição católica, cuja interpretação ocorria num só dia ou ocasião (sem uma vinculação à liturgia, ainda que os temas pudessem estar relacionados com o ciclo religioso anual), no caso da *Oratória de Natal* estamos perante uma criação em seis

episódios, pensada no âmbito do calendário luterano do século XVIII e do contexto das Igrejas de São Tomé e de São Nicolau de Leipzig. Assim, a estreia da primeira cantata, alusiva ao nascimento de Jesus, teve lugar a 25 de dezembro; a segunda, que versa a anunciação aos pastores pelos anjos, realizou-se no dia 26; a terceira, dedicada à adoração dos pastores, no dia 27; a quarta, relativa à circuncisão e nomeação de Jesus interpretou-se no dia de Ano Novo; a quinta (Jornada dos Reis Magos) no domingo seguinte; e a sexta (Adoração dos Reis Magos) a 6 de janeiro, dia da Epifania. No entanto, a *Oratória de Natal* não deve ser vista como conjunto de seis cantatas independentes. Bach planificou-a tendo em conta um arco narrativo coerente, fazendo questão de inscrever na partitura autógrafa a palavra “Oratorium”, o que remete também para uma filiação na tradição germânica do género, representada por compositores como Schütz e Buxtehude. Por outro lado, juntamente com a *Oratória da Ascensão* BWV 11 e com a *Oratória de Páscoa* BWV 249, faz parte de uma trilogia de contornos específicos no âmbito da sua produção vocal religiosa. Tal como sucede com outras obras de Bach, a *Oratória de Natal* recorre amplamente a processos de paródia musical, ou seja, usa música pré-existente, aplicada a um outro texto. Partes vocais e/ou instrumentais de cantatas sacras e profanas compostas anteriormente foram assim incorporadas, no todo ou em parte, à estrutura textual e dramática.



A NATIVIDADE, POR G. B. PITTONI, 1687-1767 © THE NATIONAL GALLERY, LONDON

Mais concretamente, o compositor recorreu a três cantatas de 1733 e 1734, comemorativas de eventos dinásticos da corte da Saxónia: *Hercules auf dem Scheidwege* BWV 213, destinada ao aniversário do príncipe Friedrich Christian; *Tönet, ihr Pauken! Erschallet, Trompeten!* BWV 214, celebrativa do aniversário de Maria Josepha, princesa eleitora da Saxónia e rainha da Polónia; e *Preise dein Glücke, gesegnetes Sachsen* BWV 215, para o aniversário da subida ao trono de Frederico Augusto II, príncipe eleitor da Saxónia e rei da Polónia. Em contrapartida, a quinta cantata da oratória apresenta música original na sua quase totalidade, e a sexta baseia-se numa cantata sacra que se perdeu (BWV 248a). Do ponto de vista da qualidade musical e da atmosfera festiva, a estética das obras destinadas à corte da Saxónia adequava-se igualmente bem à atmosfera da quadra natalícia. Não existia, aliás, qualquer contradição em usar esta música num contexto sacro, pois durante o Antigo Regime, segundo a doutrina do direito divino, o poder dos soberanos tinha como fundamento a vontade de Deus.

Bach reutilizou grande parte da música dessas obras em função de um novo libreto, mas compôs a totalidade dos recitativos e corais. O autor do libreto não está identificado, mas é provável que se tratasse de Picander, pseudónimo de Christian Friedrich Henrici (1700-1764), responsável pelo texto da *Paixão segundo São Mateus*. O libreto da *Oratória de Natal* segue de perto a narrativa dos Evangelhos de São Lucas (Cantatas I-IV) e de São Mateus (Cantatas V-VI), sendo a história contada através dos recitativos do Evangelista (tenor) e combinada com comentários de reflexão ou meditações, expressos pelos corais e pelas árias. De modo a manter claro o que é narrativa e o que é comentário, todos os recitativos do Evangelista têm apenas o suporte do baixo contínuo (recitativo *secco*), enquanto os restantes constituem exemplos de recitativo *accompagnato*, com instrumentos *obbligato* ou acompanhamento das cordas. Além do encadeamento narrativo dos acontecimentos, diversos procedimentos apontam para uma estratégia de unificação

da *Oratória de Natal*. É por exemplo o caso da utilização da melodia do coral *O Haupt voll Blut und Wunden*, de Hans Leo Hassler (1564-1612), na primeira cantata (*Wie soll ich dich empfangen*) e também na última (*Nun seid ihr wohl gerochen*). Os coros de abertura são três (uma possível evocação da Santíssima Trindade) e uma estrutura tonal de larga escala envolve o conjunto das seis partes da oratória, que começa e termina na tonalidade de Ré maior. As três primeiras cantatas revelam uma disposição tonal simétrica, no centro da qual se encontra o coral *Schaut hin*, em Sol maior, anunciador do nascimento de Jesus. Por sua vez, o recurso à tonalidade de Lá maior na Cantata V sugere a transformação das trevas em luz (a ideia de Jesus como Luz), numa clara aproximação à mensagem do texto. A Cantata IV é a única a usar uma tonalidade com bemóis (Fá maior). Este plano tem uma relação estreita com as escolhas tímbricas, prendendo-se com questões organológicas de adaptação das tonalidades à natureza dos instrumentos, mas também com o carácter musical: trompetes e timbales emergem nos momentos de júbilo das Cantatas I, III e VI (Ré maior); trompas na Cantata IV (Fá maior), a mais contida e serena, tendo como foco a reflexão sobre os acontecimentos; flautas, oboés *d'amore* e oboés *da caccia* na Cantata II (Sol maior), exemplo notável da “pastoral” barroca; e cordas concertantes na secção em Lá maior da Cantata V. Sobressaem os magníficos solos para trompete, pensados em função do virtuoso Gottfried Reiche, com quem Bach trabalhou durante a sua permanência em Leipzig, mas que acabaria por falecer de ataque cardíaco durante a execução da Cantata BWV 215, em outubro de 1734. Vários solos instrumentais se entrelaçam com as vozes

solistas, como é, por exemplo, o caso da trompete na ária do baixo *Großer Herr* (Cantata I); da flauta na ária de tenor *Frohe Hirten* (Cantata II); ou do violino na ária de contralto *Schlafe, mein Liebster* (Cantata II), verdadeiro hino de amor maternal. O papel expressivo atribuído à voz de contralto ao longo da obra surge como símbolo da Virgem Maria, ainda que não exista uma alusão específica à personagem.

A Cantata IV inclui as duas árias mais famosas – *Flößt, mein Heiland*, com uso de sugestivas imitações em eco, e *Ich will*, uma magnífica fuga a quatro vozes, tecida pela linha do tenor solista e do restante acompanhamento instrumental – e a última ária da obra, *Nun mögt ihr stolzen Feinde schrecken*, para tenor e dois oboés *d'amore*, que retoma o ambiente da Cantata V numa elegante trio-sonata. No que diz respeito aos corais, a utilização de melodias bem conhecidas na época percorre as diferentes partes da composição, assumindo em geral uma função meditativa em expressivas harmonizações, enquanto os coros apresentam grande variedade de técnicas de escrita, contrapontísticas e concertantes. Muitos deles são particularmente festivos e exultantes, em particular os que recorrem às trombetas e timbales, logo a começar pelo famoso *Jauchzet, frohlocket*, que abre a Cantata I. No plano instrumental destaca-se ainda a Sinfonia de abertura da Cantata II, admirável exemplo da tradição da “pastoral” barroca, na qual um par de flautas contracena com um quarteto formado por dois oboés *d'amore* e dois oboés *da caccia* na evocação de uma atmosfera rústica e pastoril. Na Cantata VI faz-se a recapitulação das principais características da *Oratória de Natal*, incluindo mais uma vez um exuberante concertante para trompete solo e cordas e uma fuga vocal de grande efeito.

CRISTINA FERNANDES

Michel Corboz

Maestro



A entrada de Michel Corboz no universo da música encontra-se profundamente ligada ao seu fascínio pela voz e pelas obras escritas no domínio da música vocal. Consequentemente, ao longo da sua longa e brilhante carreira, dirigiu as grandes oratórias, bem com outras obras que incluem coro, solistas e orquestra, nas principais salas de concertos e festivais a nível mundial. Depois de fundar o Ensemble Vocal de Lausanne, em 1961, as inúmeras distinções concedidas e o acolhimento entusiasta da imprensa às suas gravações das *Vésperas* e de *L'Orfeo* de Monteverdi (1965 e 1966) marcaram o início de uma longa carreira que evoluiu naturalmente, sem ambições particulares, enriquecendo-se todos os anos com uma nova obra. Em 1969, Michel Corboz foi nomeado Maestro Titular do Coro Gulbenkian, cargo que vem exercendo com incedível competência desde então. À frente do Coro Gulbenkian, realizou um grande

número de concertos e gravações, tendo assim colocado em destaque as qualidades fundamentais do agrupamento e contribuído decisivamente para a sua projeção nacional e internacional. A discografia de Michel Corboz conta com mais de cem títulos, muitos deles distinguidos com prémios internacionais do disco. Neste domínio, salientam-se as grandes obras sacras de J. S. Bach e de Mozart, *Selva morale* de Monteverdi, as oratórias de Mendelssohn e os *Requiem* de Brahms, Fauré, Duruflé e Verdi. Na Ópera de Lyon criou *Ercole amante* de Cavalli, obra composta para o casamento de Luís XIV, bem como *David et Jonathas* de Charpentier. No domínio da ópera, dirigiu *L'Incoronazione di Poppea*, *Il ritorno d'Ulisse in patria* e ainda *L'Orfeo* de Monteverdi. Em dezembro de 1999, Michel Corboz foi condecorado pelo Presidente da República Portuguesa com a *Grã-Cruz da Ordem do Infante Dom Henrique*.



Ana Quintans

Soprano

Ana Quintans estudou Canto na Escola de Música do Conservatório Nacional, em Lisboa, e no Flanders Operastudio, em Gent, como bolsista da Fundação Gulbenkian. Iniciou-se profissionalmente em 2005 com a música de Monteverdi, tendo vindo a dedicar a maior parte do seu trabalho à música dos séculos XVII e XVIII, em colaboração com maestros como W. Christie, M. Minkowski, R. Pichon, A. Curtis, V. Dumestre, A. Florio, M. Magalhães, L. Cummings, L. G. Alarcón, E. Onofri, ou I. Bolton. Destacam-se apresentações em prestigiados palcos internacionais: Ópera Comique, Théâtre des Champs-Élysées, Festival d'Aix-en-Provence, Festival de Glyndebourne, Concertgebouw de Amesterdão, Ópera de Lyon, Ópera de Rouen, Bayerische Staatsoper (Munique), Alten Oper Frankfurt, Teatro Real de Madrid, Scottish Opera, Victoria Hall (Genebra), Bozar (Bruxelas), Carnegie Hall (Nova Iorque), *La Folle Journée* (Japão), Helsinki Music Centre, *Maggio Musicale* (Florença), Festival de Viena, Festival de Edimburgo e Mozarteum de Salzburgo. Participou em várias gravações discográficas, incluindo: árias de Albinoni, com Marcello Di Lisa e a orquestra Concerto de' Cavalieri; *La Spinalba*, *Il Trionfo d'Amore* (F. A. de Almeida) e *As Sementes do fado*, com Os Músicos do Tejo; *Round Time*, de Luís Tinoco, com D. A. Miller e a Orquestra Gulbenkian; *Requiem* de Fauré, com a Sinfonia Varsovia e Michel Corboz.



Marianne Beate Kielland

Meio-Soprano

Marianne Beate Kielland estudou na Academia Norueguesa de Música com Svein Bjørkøy. Iniciou a sua carreira internacional na Staatsoper Hannover e, ao longo das últimas décadas, afirmou-se como uma das principais cantoras escandinavas. O seu repertório de concerto é vasto, estendendo-se do século XVII até à música contemporânea. As suas apresentações incluem muitos dos principais palcos da Europa, da América do Norte e do Japão. Colabora regularmente com grandes orquestras e importantes agrupamentos de música antiga, sob a direção de maestros como R. Alessandrini, F. Biondi, H. Christophers, T. Dausgaard, P. Herreweghe, M. Honeck, R. Jacobs, A. Manze, M. Minkowski, V. Petrenko, D. Reuss, H. Rilling, C. Rousset, J. Savall, M. Suzuki ou R. Ticciati. É também muito solicitada para interpretar papéis de ópera barroca, entre os quais: Merope, em *L'oracolo in Messenia* de Vivaldi; Mensageira e Proserpina, em *L'Orfeo* de Monteverdi; Fernando, em *La fede nei tradimenti* de A. Ariosti; Apollo, em *Terpsichore* de Händel; Ercole, em *Il più bel nome* de Caldara; ou Aronn, em *Il Faraone Sommerso* de Francesco Fago. Realizou mais de quarenta gravações. Em 2012 foi nomeada para os *Grammy*, na categoria de “Melhor Álbum Vocal Clássico”, pela gravação de *Veslemøy Synsk*, que inclui obras de Edvard Grieg e Olav Anton Thommessen. Colabora regularmente com o pianista Nils Anders Mortensen.



Benedikt Kristjánsson

Tenor

O tenor islandês Benedikt Kristjánsson começou a estudar com a sua mãe, Margrét Bóasdóttir, na Academia de Canto de Reiquiavique. Diplomou-se pelo Conservatório de Música de Reiquiavique em 2007. Foi também aluno de Scot Weir na Hochschule für Musik Hanns Eisler, em Berlim. Participou nas *master-classes* de Christa Ludwig, Peter Schreier, Elly Ameling, Robert Holl, Thomas Quasthoff, Andreas Schmidt e Helmut Deutsch. Em 2011 venceu o Concurso Internacional Bach de Greifswald. Em 2012 recebeu o Prémio do Público no Concurso Internacional Bach de Leipzig. Em 2019 recebeu o prémio *Opus Klassik* na categoria “Concerto Inovador”. Como solista de concerto, atuou em prestigiosos palcos na Europa e nos E.U.A., incluindo Konzerthaus de Viena, Philharmonie de Berlim, Walt-Disney Hall de Los Angeles e Concertgebouw de Amesterdão. Apresenta-se com regularidade em festivais de música como Musikfest Stuttgart, Händelfestspiele Halle, Bachwoche Ansbach ou Oude Muziek (Utrecht). Colaborou com orquestras de renome como Staatskapelle Berlin, Deutsche Kammerphilharmonie Bremen, Gaechinger Cantorey, Hofkapelle München, Holland Baroque, Akademie für Alte Musik Berlin e Freiburger Barockorchester. No domínio da ópera, interpretou repertório barroco e contemporâneo no Theater Kiel, no Staatstheater Braunschweig e na Staatsoper Berlin.



Philippe Sly

Baixo-Barítono

Philippe Sly venceu o Concurso Musical Internacional de Montreal de 2012 e o Grande Prémio das Metropolitan Opera National Council Auditions de 2011. Mais recentemente, recebeu o prémio “Concert of the Year in Romantic, Post-Romantic and Impressionist Music” na 16.ª cerimónia anual do *Prix Opus*, no Quebec. Natural de Montreal, apresenta-se regularmente com a Sinfónica de Montreal, sob a direção do maestro Kent Nagano. Em outubro de 2019, participou na estreia mundial de *Into Oblivion*, de H. Stafylakis, com a Sinfónica de Winnipeg e o maestro Daniel Raiskin. Outros destaques da presente temporada incluem: o *Requiem* de Mozart, com a Sinfónica de Vancouver; a *Oratória de Natal*, de J. S. Bach, com a Orquestra Gulbenkian e Michel Corboz, e também com a Sinfónica de Montreal e Yannick Nézet-Séguin; e a Missa em Dó menor, de Mozart, com a NAC Orchestra (Canadá). Adicionalmente, regressa à Ópera de Paris para participar em produções de *Don Giovanni* e *Così fan tutte*, bem como em apresentações de *Viagem de Inverno*, de Schubert, com Le Chimera Project. Philippe Sly obteve o grau de *Bachelor of Music in Voice Performance* pela Schulich School of Music - McGill University, em Montreal. Foi membro da Canadian Opera Company, tendo também integrado o San Francisco Opera's Merola Program. As suas gravações a solo são editadas pela Analekta Records.

Coro Gulbenkian



Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores, podendo atuar também em grupos vocais mais reduzidos. Assim, apresenta-se tanto como grupo *a cappella*, interpretando a polifonia dos séculos XVI e XVII, como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras do repertório clássico, romântico ou contemporâneo. Tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras contemporâneas de compositores portugueses e estrangeiros. Tem sido igualmente convidado pelas mais prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon, a Orquestra de Paris, ou a Orquestra Juvenil Gustav Mahler. Foi dirigido por grandes figuras como Claudio Abbado, Colin Davis, Frans Brüggen, Franz Welser-Möst, Gerd Albrecht, Gustavo Dudamel,

Jonathan Nott, Michael Gielen, Michael Tilson Thomas, Rafael Frübeck de Burgos, René Jacobs, Theodor Guschlbauer, ou Esa-Pekka Salonen, entre muitos outros. O Coro Gulbenkian tem participado em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. Em 2015 participou, em Paris, no concerto comemorativo do Centenário do Genocídio Arménio, com a World Armenian Orchestra dirigida por Alain Altinoglu. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Desde 1969, Michel Corboz é o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. Jorge Matta é o Maestro Adjunto e Dominique Tille é Maestro Assistente.

Michel Corboz Maestro Titular
Jorge Matta Maestro Adjunto
Dominique Tille Maestro Assistente

Concertos 13 e 15 Dez Cantatas I, III e VI

SOPRANOS

Ana Bela Covão
Ana Raquel Sousa
Beatriz Ventura
Claire Santos
Cristina Ferreira
Filomena Oliveira
Joana Siqueira
Maria José Conceição
Mariana Moldão
Mónica Santos
Rosa Caldeira
Sara Afonso
Susana Duarte

CONTRALTOS

Beatriz Cebola
Carmo Coutinho
Fátima Nunes
Helena Rodrigues
Joana Esteves
Joana Nascimento
Mafalda Borges Coelho
Michelle Rollin
Patrícia Mendes
Rita Tavares
Tânia Valente
Verónica Santos

TENORES

Aníbal Coutinho
Diogo Pombo
Francisco Cortes
Frederico Projecto
Hugo Martins
João Custódio
Jorge Leiria
Pedro Miguel
Pedro Rodrigues

Sérgio Fontão
Tiago Sousa

BAIXOS

Fernando Gomes
João Luís Ferreira
Jorge Ramos
José Damas
José Bruto da Costa
Miguel Jesus
Pedro Casanova
Rui Bôrras
Rui Gonçalo
Tiago Batista
Tiago Navarro

Concertos 14 e 16 Dez Cantatas II, IV e V

SOPRANOS

Anna Kássia
Beatriz Ventura
Carla Frias
Cecília Rodrigues
Filipa Passos
Lucília de Jesus
Mariana Moldão
Marisa Figueira
Natasa Sibalic
Rosário Azevedo
Sara Afonso
Tânia Viegas
Verónica Silva

CONTRALTOS

Ana Urbano
Carmo Coutinho
Catarina Saraiva
Fátima Nunes
Inês Martins
Inês Mazoni

Joana Nascimento
Margarida Simas
Maria Forjaz Serra
Marta Queirós
Marta Ribeiro
Patrícia Mendes

TENORES

Bruno Sales
Diogo Pombo
Gerson Coelho
Jaime Bacharel
João Pedro Afonso
João Barros
Jorge Leiria
Manuel Gamito
Nuno Fonseca
Rui Aleixo
Rui Miranda

BAIXOS

Afonso Moreira
Filipe Leal
Francisco Reis
Hugo Wever
João Costa
João Luís Ferreira
Mário Almeida
Nuno Gonçalo Fonseca
Nuno Rodrigues
Pedro Casanova
Rui Bôrras

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Fátima Pinho, Marta Ferreira de Andrade, Joaquina Santos e Inês Nunes

Orquestra Gulbenkian



Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.

Lorenzo Viotti Maestro Titular
Giancarlo Guerrero Maestro Convidado Principal
Leonardo García Alarcón Maestro Associado
Nuno Coelho Maestro Convidado

PRIMEIROS VIOLINOS
Francisco Lima Santos
Concertino Principal (dias 13 e 15)
Priscille Reynaud
Concertino Principal (dias 14 e 16)*
Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*
António José Miranda
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnnon
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
Tamila Kharambura*
David Ascensão*
Tomás Costa*

SEGUNDOS VIOLINOS
Alexandra Mendes *1º Solista*
Jordi Rodriguez *1º Solista*
Anna Paliwoda *1º Solista**
Cecília Branco *2º Solista*
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
Flávia Marques*
Félix Duarte*
Miguel Simões*
Joana Weffort*
David Bento*

VIOLAS
Samuel Barsegian *1º Solista*
Lu Zheng *1º Solista*
Leonor Braga Santos *2º Solista*
Christopher Hooley
Maia Kouznetsova
Leonor Fleming*
Nuno Soares*
Precilia Diamantino*

VIOLONCELOS
Varoujan Bartikian *1º Solista*
Marco Pereira *1º Solista*
Martin Henneken *2º Solista*

Levon Mouradian
Jeremy Lake
Raquel Reis
Jaime Polo*
CONTRABAIXOS
Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*
Domingos Ribeiro *1º Solista*
Manuel Rego *1º Solista*
Marine Triolet *2º Solista*
Maja Plüddemann
Vanessa Lima*

FLAUTAS
Cristina Ánchel *1º Solista*
Ana Filipa Lima *1º Solista**
Amália Tortajada *2º Solista*

OBOÉS
Pedro Ribeiro *1º Solista*
Joel Vaz *1º Solista**
Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*
Alice Caplow-Sparks *2º Solista*
Corne inglês
Andrew Swinnerton *2º Solista**

CLARINETES
Iva Barbosa *1º Solista*
Telmo Costa *1º Solista*
José Maria Mosqueda *2º Solista*
Clarinete baixo

FAGOTES
Ricardo Ramos *1º Solista*
Vera Dias *1º Solista Auxiliar*
Raquel Saraiva *2º Solista*

TROMPAS
Gabriele Amarù *1º Solista*
Kenneth Best *1º Solista*
Paulo Guerreiro *1º Solista**
Eric Murphy *2º Solista*

TROMPETES
Adrián Martínez *1º Solista*
Carlos Leite *1º Solista Auxiliar**
David Burt *2º Solista*

TROMBONES
Sergi Miñana *1º Solista*
Rui Fernandes *2º Solista*
Pedro Canhoto *2º Solista*

TUBA
Amílcar Gameiro *1º Solista*

TIMBALES
Rui Sul Gomes *1º Solista*

PERCUSSÃO
Abel Cardoso *2º Solista*

ÓRGÃO
Marcelo Giannini *1º Solista**

*Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO
António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO
Américo Martins, Marta Ferreira de Andrade, Raquel Serra, Bernardo Beirão e Fábio Cachão

16 janeiro

The Sleeping Thousand

Adam Maor



Estreia em Portugal

Produção do Festival d'Aix-en-Provence,
em coprodução com Les Théâtres de la Ville
de Luxembourg, Fundação Calouste Gulbenkian,
Festival de Helsínquia, La Monnaie /
De Munt e Queen Elisabeth Music Chapel

Com o apoio enoa e programa Creative
Europe da União Europeia. Jean-François
Dubos & JFD Associés

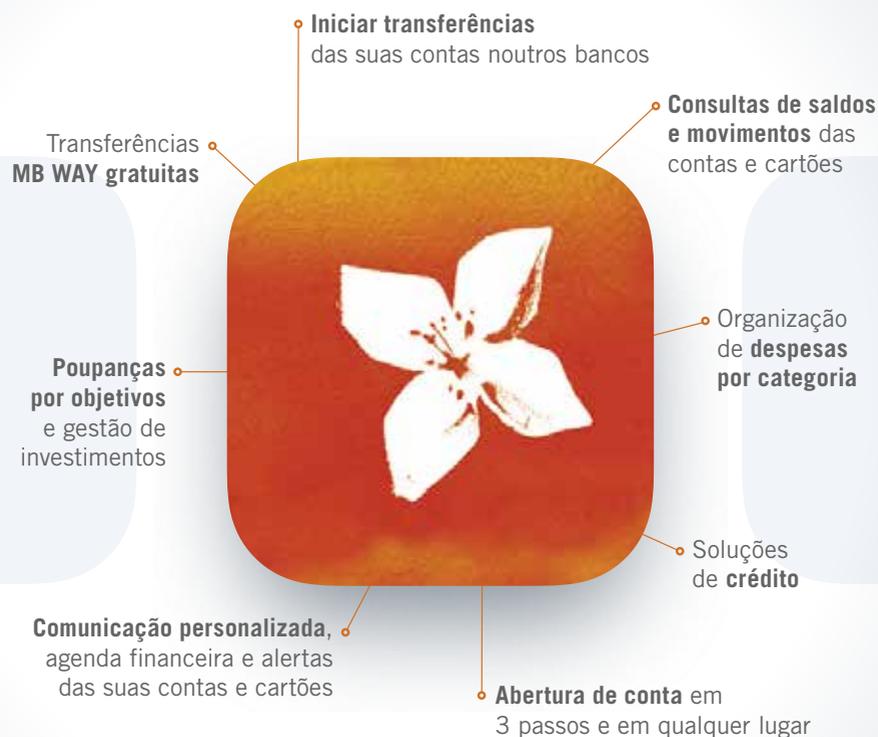


GULBENKIAN.PT



Com a BPI App pode ver todas as suas contas. Mesmo noutros Bancos.

PROGRAMAS E ELENÇOS
SUJEITOS A ALTERAÇÃO SEM AVISO PRÉVIO.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público. Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

quase
A BPI App tem tudo.

A adesão à BPI App é gratuita. Adira já.
Saiba mais em bancobpi.pt



DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson
DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

TIRAGEM
1200 exemplares
PREÇO
2€

Lisboa, Dezembro 2019

